

Iconografia do vírus: um olhar sobre a necropolítica bolsonarista nas charges/tiras de Gilmar Machado

Lucas Piter Alves-Costa¹

Resumo: Desde dezembro de 2019, o mundo vem enfrentando a pandemia de Covid-19. Nesse cenário, o Brasil se tornou notório pela falta de políticas públicas de combate ao vírus, um agravamento da crise política e econômica pela qual o país vem passando nos últimos meses. A percepção da crise sanitária brasileira tem gerado diversos discursos nas mais variadas mídias e gêneros, dentre eles, as tiras e as charges. Este trabalho objetiva descrever as representações iconográficas da pandemia de Covid-19 nas charges e tiras de Gilmar Machado, com o intuito de compreender os seus efeitos de sentido. O corpus é formado por 114 peças publicadas em 2020, veiculadas na página do autor no Facebook. A abordagem do corpus se fez com base, principalmente, nos pressupostos da Análise Semiolinguística do Discurso. Os resultados sugerem que a percepção do autor é de que o Governo, na figura de Jair Bolsonaro, é o principal agente agravante da crise sanitária no Brasil.

Palavras-chave: Brasil; Covid-19; Histórias em quadrinhos; Jair Bolsonaro; Necropolítica.

Considerações iniciais

Desde dezembro de 2019, o mundo vem enfrentando a pandemia de Covid-19. Nesse cenário, o Brasil se tornou notório pela falta de políticas públicas de combate ao vírus, um agravamento da crise política e econômica pela qual o país vem passando nos últimos meses, resultado, sobretudo, das necropolíticas implantadas pelo governo Bolsonaro.

A Covid-19 é uma doença respiratória com alto índice de contágio e que tem colapsado os sistemas de saúde no mundo, principalmente no Brasil. Além da lotação rápida

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG, bolsista PNPd-CAPES pela mesma instituição. Contato: alvescosta.lp@gmail.com.

de leitos de UTI, necrotérios e cemitérios das cidades mais afetadas também colapsaram.² Os primeiros casos suspeitos de Covid-19 no Brasil foram noticiados em fevereiro. A primeira morte por essa doença foi confirmada em 17 de março. Quatro meses depois, o Brasil já contabilizava 70 mil mortes (KIND, CORDEIRO, 2020). Desde o início da pandemia, o Governo vem adotando estratégias de subnotificação (nos canais oficiais) e desinformação (alimentada pelas redes clandestinas responsáveis por disseminar *Fake News*) (RECUERO, SOARES, 2020).

A percepção da crise sanitária brasileira tem gerado diversos discursos, dispersos nas mais variadas mídias e gêneros, dentre eles, as tiras e charges. Diante disso, este trabalho tem como objetivo descrever as representações iconográficas da pandemia de Covid-19 nas charges e tiras de Gilmar Machado, com o intuito de compreender tal registro e os seus efeitos de sentido. Para atingir nosso objetivo, a abordagem do *corpus* será com base, principalmente, nos pressupostos de McCloud (1995), Joly (2007) e Groensteen (2011), para a semiótica quadrinística; e Maingueneau (1997, 2005), Foucault (2008) e Mbembe (2016) para a análise dos discursos e de seus efeitos de sentido produzidos.

A palavra *iconografia* é formada pela junção das raízes gregas “eikón” (imagem) e “graphia” (escrita). Iconografia seria tanto a “escrita pela imagem” quanto a “escrita da imagem”. Neste trabalho, entendemos por iconografia do vírus/pandemia o registro ou a menção ao quadro pandêmico da Covid-19, sobretudo por meio de desenho. Ao propor uma leitura da iconografia de obras de Gilmar Machado, estamos propondo também sua iconologia. Originalmente, a iconografia “é um ramo da história da arte que trata do tema ou mensagem das obras de arte, em contraposição à sua forma. Enquanto a iconologia é o estudo da formação, transmissão e conteúdo das imagens e representações figurativas” (ATHAYDE, 2016, p. 12).

² A exemplo: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/19/Como-a-pandemia-sobrecarrega-o-setor-funer%C3%A1rio-no-Brasil>.

O *corpus* de nossa análise se constitui de 114 charges/tiras³ publicadas a partir de 27 de janeiro de 2020 (data da primeira tira abordando o tema *coronavírus*, segundo o próprio autor), e que trazem elementos representativos do cenário de pandemia, tanto na forma de desenhos quanto por menções verbais. Foi feito um tratamento prévio de todas as peças publicadas nesse ano, separando as que trazem representações do quadro pandêmico de formas explícitas, pressupostas ou subentendidas. As demais charges e tiras publicadas no mesmo período foram descartadas na seleção inicial por não constituírem a iconografia da pandemia, ou seja, não trazem, a princípio, nenhuma referência ao quadro atual da pandemia. Também não importou para a análise a cronologia das peças, visto que a ordem geral delas não interfere na proposta de mostrar como ocorre a iconografia da pandemia no *corpus*.

Para a análise prévia, destacamos aquelas figurações que parecem sintetizar melhor o cenário pandêmico e a crise sanitária, a saber: vírus, máscaras, morte/caveira, caixões, profissionais da Saúde/Hospital, mortos. Consideramos como parte da iconografia as menções verbais no nível da história, quer dizer, as palavras intradiegticas, pois elas compõem a ambientação da crise, mesmo que não haja de forma clara uma figuração para isso. A quantificação dessas figurações é a que se segue:

Figurações	Qtd.	Figurações consideradas na mesma categoria com numeração da charge
Vírus / Palavras intradiegticas	36	“Gripezinha” (09)
Máscaras	53	Naja com máscara (93). Fotografia (97).
Morte / caveira	10	<i>Sem figurações arroladas para a mesma categoria</i>
Caixões	11	Uma cova (63). Uma coroa de flores (84).
Profissionais da Saúde / Hospital	12	Ministros da Saúde (18, 64, 70). Um salva-vidas com macacão impermeável (84).
Mortos/Cruzes	14	<i>Sem figurações arroladas para a mesma categoria</i>

Tabela 1 – Quantificação das figurações

Com base nessa observação inicial, as figurações que registram o cenário da pandemia foram separadas em três categorias que serviram para coligir o material: explícitas,

³ A totalidade das peças analisadas e numeradas pode ser encontrada em um link anônimo ao final do artigo. Por questão de espaço, delimitamos nossos exemplos. Até o momento de submissão deste trabalho para avaliação (16/01/2021), o quadrinista continuou produzindo novas peças que poderiam fazer parte deste *corpus*.

pressupostas e subentendidas, sendo que: (a) *Explícitas*, em que a pandemia e o vírus podem estar representados por ícones (o desenho do vírus, às vezes figurando como personagem) ou palavras (tais como *Covid-19*, *vírus*, *quarentena*, *pandemia* etc.) diretamente ligados a eles; (b) *Pressupostas*, em que a pandemia pode estar registrada por elementos icônicos e/ou palavras relacionadas, tais como *morte*, *caixões*, *médicos* e *máscaras*. Tal registro está na superfície do texto, mas poderia ser referência de outra coisa se o contexto fosse outro (por exemplo, violência, guerras, outras doenças ou descaso cotidiano com a Saúde, alguém ou além do governo Bolsonaro); (c) *Subentendidas*, em que o registro da pandemia está fora da superfície do texto, mas pode ser recuperado no interdiscurso. Não há, então, ícone ou palavra evidente sobre a pandemia, sendo necessário buscar o contexto da charge (em alguns casos, o próprio autor veiculou em sua página no *Facebook* uma matéria jornalística a que se faz referência na charge). Por não possuir marca verbo-imagética evidente, o registro da pandemia precisa ser deduzido através do contexto comunicacional e do conhecimento de mundo do leitor. As peças analisadas foram enumeradas e agrupadas conforme o quadro a seguir:

Figurações da pandemia			
Total	Explícitas	Pressupostas	Subentendidas
114	48	54	12
Charge s e Tiras	05, 07, 09, 13, 15, 16, 18, 19, 21, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 48, 49, 52, 54, 57, 61, 70, 74, 76, 78, 80, 82, 87, 88, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 113, 114	01, 02, 03, 04, 06, 08, 10, 11, 12, 14, 17, 22, 24, 25, 29, 30, 31, 35, 37, 41, 42, 45, 46, 47, 50, 51, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 77, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 91, 93, 95, 97, 112	20, 63, 71, 89, 90, 92, 94, 96, 99, 101, 109, 111

Tabela 2 – Figurações da pandemia

Essa divisão, puramente metodológica, visa dar conta de analisar as formulações de sentidos sobre o quadro pandêmico, e abranger a heterogeneidade mostrada, que, segundo Maingueneau (1997, p. 75), “incide sobre as manifestações implícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação”, e a heterogeneidade constitutiva, que não é marcada em superfície, mas que podemos definir, formulando hipóteses, através do

interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997). Essas três categorias apontam para os modos como o autor articula seu texto e o contexto da pandemia e das políticas públicas do país, possibilitando vislumbrar de maneira gradativa o grau de engajamento do leitor para a formulação dos efeitos de sentido.

A linguagem icônica das charges e tiras

Na literatura da área, não se sustenta a ideia de que a linguagem dos quadrinhos é a junção de palavras e imagens, dando a entender que as histórias em quadrinhos são narrativas ilustradas. A noção de ilustração não caberia na semiótica dos quadrinhos sem ressalvas. Geralmente, a ilustração por imagens desenhadas, nos textos narrativos em que fazem uso dela, é um elemento acessório, podendo ser retirado sem prejuízo da compreensão (como é o caso de alguns livros ilustrados infanto-juvenis).

Nos quadrinhos, no entanto, não haveria ilustração propriamente dita, pois a imagem é parte fundamental de sua linguagem, e a palavra é, por sua vez, parte opcional: pode haver quadrinho sem palavra, mas nunca sem imagem. Em resumo, a linguagem dos quadrinhos não consiste na junção de palavras e imagens, mas em um sistema semiótico próprio, que faz uso de signos visuais e verbais. O estrato verbal, quando presente nas charges e tiras, é considerado como parte da iconografia pelo fato de a semiótica dos quadrinhos ser simbiótica, não sendo mera junção entre palavras e imagens. Sendo assim, a palavra está a serviço dos efeitos de sentido da imagem, e vice-versa, indissociavelmente.

Por convenção, dizemos que a linguagem dos quadrinhos é icônica, por se utilizar majoritariamente desse tipo de signo (desenhos, balões, quadros, recordatórios). Mas ela também faz uso de signos plásticos (cores, traços, enquadramentos e ângulos dos desenhos) e linguísticos (as palavras, que geralmente aparecem por meio de signos icônicos como os balões, os recordatórios, as onomatopeias e as palavras intradieéticas). A utilização dos signos verbais geralmente é condicionada à dos signos icônicos. Assim, na mensagem visual

dos quadrinhos, “signos icônicos e os signos plásticos são então considerados como *signos visuais*, ao mesmo tempo distintos e complementares.” (JOLY, 2007, p. 75). Essa explanação panorâmica vem mostrar a complexidade da linguagem dos quadrinhos, apesar de sua eficiente comunicabilidade.

Do ponto de vista de uma teoria geral dos signos, a iconicidade da linguagem quadrinística é ainda uma questão complexa pelo fato mesmo de que a própria discussão sobre o ícone como um tipo de signo permanecer aberta. Na teoria proposta por Charles S. Peirce, o ícone passou por três sistemas de classes de signos, com 10, 28 e 66 classes, com diversas subdivisões, às quais a categoria de ícone se integra. Essa categoria mesma apresenta muitas facetas e subdivisões que não caberiam ser discutidas aqui. Por ora, basta-nos como definição de ícone um signo que representa um objeto por traços de semelhança de qualidades ou analogia (PIGNATARI, 2004), ou seja, ícone, na semiótica dos quadrinhos, seria “qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou ideia” (McCLOUD, 1995, p. 27), em outras palavras, a “imagem não constitui todo o ícone, mas é [...] um signo icônico da mesma maneira que o diagrama e a metáfora” (JOLY, 2007, p. 37).

Compreender a semiótica dos quadrinhos em seus pontos básicos é fundamental para entender como as peças analisadas fazem significar o cenário da pandemia no Brasil. Mesmo que um quadrinho possa não ter palavras, sua produção e interpretação se utilizam da matéria linguística em um processo de semiotização do mundo (CHARAUDEAU, 1995). A semiotização do mundo como processo de significação se realiza em uma dimensão macro de produção e interpretação de discursos, conjugando diferentes semioses, sendo a língua a principal delas. Conforme Charaudeau (1995), o processo de semiotização do mundo consiste, em primeiro lugar, na *transformação* de um *mundo a significar* (o mundo referencial) em um *mundo significado*; em segundo lugar, na *transação* desse *mundo significado* por um sujeito com uma intencionalidade a outro sujeito interpretante dentro de um quadro de comunicação. Aqui, o *mundo a significar* é, de modo geral, o universo factual da pandemia por Covid-19 no Brasil; e o *mundo significado* é o universo semântico da pandemia construído pelas materialidades discursivas das charges e tiras analisadas.

Charges e tiras são gêneros quadrinísticos que, juntamente com outros, compõem a

discursividade dos Quadrinhos e que mantém uma relação genealógica e interdiscursiva também com o campo jornalístico (em razão dos meios de circulação, principalmente, e, às vezes, pelos assuntos abordados). Embora, pela sua natureza semiótica, sejam consideradas gêneros do campo quadrinístico, as “charges, cartuns e tiras são dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 11), tendo sua circulação e recepção paralelas aos gêneros jornalísticos.

Por mais de cem anos, as charges figuraram exclusivamente em jornais e periódicos impressos. No Brasil, com o advento da *internet*, as charges ganharam o ciberespaço com o surgimento do *Charges Online*, em 1995, idealizado pelo cartunista Júlio Mariano. Atualmente, com as várias opções de redes sociais, os quadrinistas em geral podem publicar seus trabalhos rapidamente, bem como ter percepção do alcance e de aspectos da recepção do público. Essa nova dinâmica permite ao quadrinista criar um público relativamente cativo, ao mesmo tempo que exige dele manter-se atualizado e proativo em suas publicações. Similar ao que já acontecia há tempos nas tiras, as redes sociais favoreceram a seriação/sequenciação das charges, sobretudo das charges políticas, mantendo o debate público por meio de crítica, denúncia e humor.

A seriação em charges mantém os fatos da notícia jornalística, seus objetos animados, cenário (se houver), entre outros. Há, entretanto, a colocação de um elemento adicional que, normalmente, continua a ironia da charge anterior de modo a reforçá-la; [...] Ela corresponde ao esforço do autor em continuar a opinar sobre um fato social relevante [...]. (SIMÕES, 2010, p. 95).

A seriação em charges não é fator fundamental do gênero, como o é nas tiras seriadas. Ela consiste em estabelecer uma relação crescente entre as partes. Nesse caso, a ordem dos elementos é importante, pois ela garante a coesão da narrativa que se constrói. Já a sequenciação, que também não é fator fundamental das charges, consiste em manter uma coerência entre as partes, mas não exige uma ordem entre elas. As partes sequenciadas têm elementos em comum. Assim, as charges de Gilmar compiladas no *corpus* seriam, na maioria, sequenciadas, pois podem ser lidas em qualquer ordem, ainda que os fatos referenciados

tenham sua cronologia fora delas. A abordagem que o quadrinista faz em cada peça não seria dependente da anterior, seria só complementar. A exceção, que é uma seriação, são as charges (89) e (90), mais adiante, que remetem ao episódio de aprovação/reprovação do art. 18 da MP 927 sobre a suspensão do contrato de trabalho por 4 meses sem salário.

Uma leitura: a intericonicidade e a(s) semântica(s) do vírus

Derivada da noção de interdiscurso, o conceito de intericonicidade ressalta a discursivização por meio das imagens, através de sua disposição, dispersão, repetição, referenciação e proliferação em uma sociedade mais e mais sobrecarregada de semióticas visuais. Segundo Courtine (2011), a noção de intericonicidade é complexa, porque ela põe em relação as imagens externas e internas, as imagens da lembrança, da rememoração, das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. “Não há imagens que não ressurgam para nós de outras imagens, quer essas imagens tenham sido vistas uma vez, ou simplesmente imaginadas” (COURTINE, 2011, p. 40, tradução nossa).⁴ Portanto, nenhuma imagem é isenta de (efeitos de) sentidos. Uma imagem pode traduzir, aludir a, evocar ou retomar discursos, inclusive de outras imagens e/ou de outras linguagens. Em suma, imagens podem remeter continuamente a outras imagens que agregam diversos sentidos.

No caso das obras analisadas, além da paleta de cores e do traço, podemos notar a recorrência de signos icônicos que compõem a iconografia analisada nas charges de Gilmar Machado. Como dissemos, são eles: vírus, máscaras, morte/caveira, caixões, profissionais da Saúde/Hospital, mortos, e as menções verbais no nível da história. Por terem elementos comutáveis entre si, quer dizer, figurações que aparecem ao mesmo tempo em mais de uma charge e/ou tira, as peças compiladas formam um simulacro, um todo coeso e coerente, podendo ser analisado em termos de discurso. Apesar de serem peças autônomas, que podem ser lidas isoladamente, elas compartilham recorrências formais e temáticas, facilitando ao

⁴ *Il n'y pas d'images que ne fasse ressurgir pour nous d'autres images, que ces images aient jadis été vues, ou simplement imaginées.*

leitor reconhecer personagens e tópicos. Isso reforça a noção de *solidariedade icônica* desenvolvida por Groensteen (2011):

Definiremos como solidárias as imagens que, participando de uma seqüência, apresentam a dupla característica de serem separadas (essa precisão é para descartar as imagens únicas que encerram em si uma profusão de motivos e anedotas) e de serem plástica e semanticamente sobredeterminadas pelo fato mesmo de sua coexistência *in praesentia*. (GROENSTEEN, 2011, p. 21, tradução nossa).⁵

Os elementos mais representativos da iconografia do vírus – que são a sua própria representação e as palavras explícitas marcando sua presença – se combinam com os outros ícones e palavras que compõem o campo semântico da pandemia, de modo que, nas charges que não trazem a representação do vírus, haja elementos que possam ainda servir de registro da pandemia por aproximação, com figurações que estiveram em outras charges do mesmo período. Por exemplo, nas charges (05), (28) e (34).

A charge (05) traz uma representação icônica do vírus e do presidente Jair Bolsonaro como ameaças letais; a charge (28) explicita a pandemia com a palavra “covid” e traz outra representação de Bolsonaro e de sua esposa; por fim, a charge (34) traz representação icônica do vírus com uma pilha de caixões fechados.



Figura 1: Charge (05)



Figura 2: Charge (28)

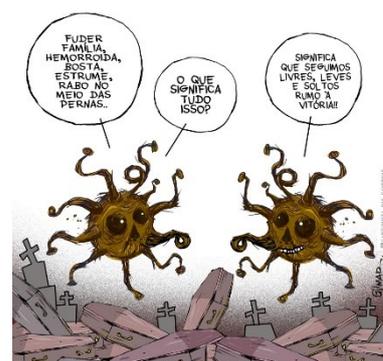


Figura 3: Charge (34)

⁵ On définira comme solidaires les images qui, participant d'une suite, présentent la double caractéristique d'être séparées (cette précision pour écarter les images uniques enfermant en leur sein une profusion de motifs ou d'anecdotes) et d'être plastiquement et sémantiquement surdétérminées par le fait même de leur coexistence *in praesentia*.

Os outros elementos não explícitos, mas pressupostos, sobre a pandemia se repetem em outras charges, como em (6), com o profissional da Saúde saltando uma representação do presidente que parece uma pedra no caminho; (10), com um amontoado de caixões fechados e um balão de fala com o *slogan* “#OBrasilNãoPodeParar” que nega a quarentena como medida preventiva (mas que poderia ser usado em outras situações de comunicação); e (11), que traz a representação de Bolsonaro e Trump com máscaras nos olhos sobre uma pilha de caixões fechados.



Figura 4: Charge (06)



Figura 5: Charge (10)



Figura 6: Charge (11)

O *médico*, o *slogan* e os *caixões* registram a pandemia de maneira pressuposta. São marcas textuais que poderiam se repetir em outros contextos, com outros significados. No entanto, devido à proximidade histórica, o leitor não tem dificuldade em resgatar a representação da pandemia nesses elementos. As retomadas desses ícones, dentro do quadro maior que compõe o *corpus*, permite-nos associar, por exemplo, o elemento explícito *Vírus/Covid* aos elementos retomáveis *Caixões + Bolsonaro*, que se tornarão elementos pressupostos, de modo que a iconografia analisada permaneça nas comutações *Bolsonaro + Slogan + Médico + Caixões*, mesmo quando não houver mais um elemento explícito, como se vê, a exemplo, na tabela:

Peças com figurações explícitas + elementos retomáveis	Peças com somente figurações pressupostas
(05) Vírus + Bolsonaro	(06) Bolsonaro + Médico
(28) Vírus + Bolsonaro	(10) Slogan do Governo + Caixões
(34) Vírus + Caixões	(11) Bolsonaro + Caixões

Tabela 3 – Comutações das figurações

É preciso ressaltar que não seria qualquer charge com a representação de Bolsonaro que teria relação com a crise sanitária no Brasil, visto que o quadrinista levanta outros debates sobre o Governo também. No *corpus* selecionado, para que a associação *Bolsonaro + Vírus* seja possível, é preciso que haja um elemento já marcado como iconográfico dessa crise. No caso da representação do presidente, o ícone que cumpre essa função é a máscara colocada de maneira errada. A máscara é o ícone mais retomado e associativo da pandemia: das 114 charges/tiras, ela figura em 53, coincidindo com outros ícones, dentre eles, o do presidente.

Algumas relações intertextuais entre as charges que formulam o contexto da pandemia e, portanto, o seu registro, vão além da superfície dos textos, quer dizer, não se resumem à retomada de elementos verbais e/ou icônicos explícitos da pandemia. Para percebê-las, é preciso conhecer mais profundamente o *contexto* ao qual se referem, indo além do *cotexto*. É o caso das charges (20), (22) e (48).

Na charge (20), vemos as representações de Bolsonaro na cova e a de Sérgio Moro dizendo que decidiu “virar coveiro”. Ela só pode compor a iconografia do vírus/pandemia se levarmos em conta, no mínimo, dois fatores contextuais: (a) a resposta que Bolsonaro deu no dia 20/04/2020 a um jornalista quando indagado sobre as mortes pela pandemia, ocasião em que ele agressivamente disse *não ser coveiro*; (b) a divergência de Sérgio Moro com Jair Bolsonaro, resultando na sua saída do Governo durante a pandemia, e seguida, ainda em abril, de exposição nas mídias de crimes cometidos pelo presidente (diversas mídias empregaram a metáfora de que *Moro enterrava Bolsonaro*). Pelo mesmo critério, é possível relacionar a charge (20) às charges (22) e (48) como materialidade discursiva que faz significar a relação existente entre a crise política do governo Bolsonaro e a crise sanitária no Brasil. Tais crises

impactam-se mutuamente, e, apesar da rede de notícias falsas pró-Bolsonaro, sua popularidade vem caindo até o momento – *indo para o buraco*.



Figura 7: Charge (20)

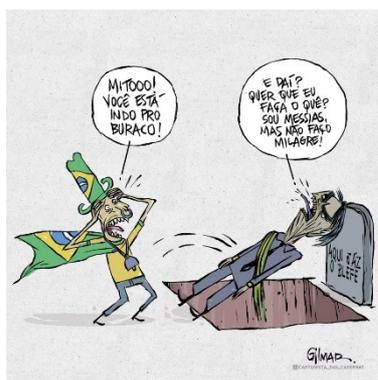


Figura 8: Charge (22)



Figura 9: Charge (48)

A polêmica sobre o descaso presidencial continuaria nas mídias, gerando novos episódios. “No dia 28 de abril, quando o país chegava a mais de 5 mil mortos por *Covid-19*, ultrapassando os números oficiais da China, Jair Bolsonaro dispara em resposta a jornalistas sobre essa atualização quantitativa: ‘*E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?*’” (KIND, CORDEIRO, 2020, p. 8). O episódio teve registro em matérias do mundo todo, em especial do Brasil. Um artigo de autoria de Cesar Baima, de 7 de maio de 2020, veiculado na revista eletrônica *Questão Científica*, reporta dizeres, datados de 09/05/2020, da *The Lancet* – uma das revistas médico-científicas mais prestigiosas do mundo –, na qual dizia que Bolsonaro é a maior ameaça à resposta brasileira contra a *Covid-19*.⁶ A fala do presidente também foi objeto de muitas charges e tiras no Brasil.

A identificação da representação do Bolsonaro nas charges acontece não exclusivamente por semelhanças fisionômicas caricatas, uma vez que o traço do autor é carregado e impreciso. Nesse caso, a semelhança dos desenhos com os seus representados não é um critério textual suficiente, pois poderia ser tomado como pessoal, subjetivo, e, até mesmo, partidário na visão dos defensores de seu Governo. Portanto, no conjunto da obra de Gilmar, esse critério é dependente de outros indicadores mais icônicos e representativos,

⁶ Fonte: <https://www.revistaquestaodeciencia.com.br/artigo/2020/05/06/lancet-bolsonaro-e-maior-ameaca-resposta-brasileira-pandemia-de-covid-19>.

alguns até pressupostos ou subentendidos, que ajudam a identificar a representação do presidente nas charges. São estes os indicadores: a faixa presidencial; o diálogo direto com a representação de Trump; a referência direta a fatos envolvendo o presidente. Esses indicadores, em conjunto, superam uma possível dificuldade que o leitor possa ter em reconhecer, no conjunto da obra, a representação do presidente Bolsonaro. Uma vez que o leitor tenha identificado a personagem do presidente em algumas charges por meio dos indicadores citados, a indicação em outras charges não tão evidentes se dá por comparação da recorrência formal, ou seja, pela repetição da mesma personagem. As recorrências da figura do Bolsonaro podem ser assim quantificadas e classificadas:

Figurações de Bolsonaro	
Total de ocorrências	50
Com máscara (todas as ocorrências)	9
Com uso incorreto de máscara	7
Sem máscara (sem contar as figurações que não mostravam o rosto)	38
Com faixa presidencial	22
Com aspecto monstruoso evidente	17
Com gesto de “arminha”	8
Com Cloroquina ou Hidroxicloroquina	6
Com a figuração de Trump	4

Tabela 4 – Figurações de Bolsonaro

Em relação ao uso de máscara, das 9 ocorrências em que a personagem de Bolsonaro a usava, em 7 o seu uso era incorreto. E, das 50 ocorrências da imagem de Bolsonaro, em 38 ele estava explicitamente sem máscara, mesmo que houvesse outros personagens com o equipamento de proteção (algumas ocorrências não permitem dizer se ele está ou não de máscara, por isso não foram contabilizadas). Por exemplo, na tira (93), que remete ao episódio do tráfico de animais; na tira, a naja está de máscara, e Bolsonaro, não, pois diz que usa Hidroxicloroquina e que por isso se sente bem. A charge (60) remete ao episódio em que Bolsonaro encontrou garis no parque do Alvorada durante um passeio de moto; eles, com máscara; Bolsonaro, sem. Destaca-se, ainda, a tira (97), na qual o último quadro é uma fotografia do presidente sem máscara em uma aglomeração, com algumas pessoas de máscara

e outras, não. Tal quantificação corrobora a imagem que Bolsonaro constrói de si nas mídias: de descaso para com as normas básicas de segurança mundialmente recomendadas.⁷



Figura 10: Tira (93)



Figura 11: Charge (60)



Figura 12: Tira (97)

As charges (65), (66) e (68) registram os números de mortos por Covid-19: na primeira (65), 30 mil mortos (o Coronavírus personificado concede uma medalha com uma caveira a Bolsonaro, que faz seu icônico gesto da “arminha” como comemoração); na segunda

⁷ Algumas matérias que podem contextualizar os exemplos (93), (60) e (97):

a Traficantes de animais planejavam procriar serpentes no DF; naja está entre elas: <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4868652-naja-seria-reproduzida-no-df.html>;

b Bolsonaro passeia de moto e conversa sem máscara com garis no Alvorada: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/23/bolsonaro-passeia-de-moto-e-conversa-sem-mascara-com-garis-no-alvorada-presidente-testou-positivo-para-covid-19-diz-planalto.ghtml>;

c Bolsonaro gera aglomeração e, sem máscara, carrega crianças e cachorro: <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-09-18/bolsonaro-gera-aglomeracao-e-sem-mascara-carrega-criancas-e-cachorro-veja.html>.

(66), 80 mil mortos (o número “8” representando o símbolo do infinito, com um profissional cavando covas infinitamente; e o número “0” se assemelhando a uma esteira para roedores, com Bolsonaro correndo fatigado com uma caixa de Cloroquina nas mãos – talvez uma tentativa desesperada de vender o estoque absurdo acumulado pelo Governo como forma de combater o vírus, a despeito dos estudos científicos sobre a ineficácia do medicamento nessa empreitada. E, por fim, a terceira (68), com 1179 mortos, faz referência ao episódio em que Bolsonaro fez um trocadilho com Cloroquina/Tubaína. Circulou nas mídias que *tubaína* não seria alusão ao refrigerante, mas sim a um método de tortura usado na Ditadura Militar.



Figura 13: Charge (65)

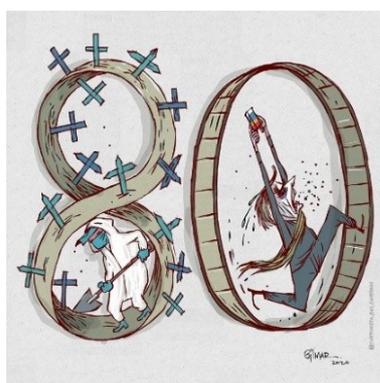


Figura 14: Charge (66)



Figura 15: Charge (68)

Esses exemplos, além de registrar os números de mortos, registram também a postura de descaso do presidente Jair Bolsonaro em relação às vítimas da pandemia e do abandono do Governo.

O presidente da república já repetiu, várias vezes, que as mortes serão inevitáveis e que as pessoas deverão aceitar passivamente essa fatalidade. A insistência com que vem repetindo esse desatino – como uma fatalidade – indica que Bolsonaro é dominado pela pulsão de morte. Seu apego às armas e à violência são sintomas de um caráter perverso, insensível diante do sofrimento humano. (CAMPOS, 2020, p. 3).

Suas declarações que amenizam a situação pandêmica e que demonstram apatia pelas vítimas são notórias nas mídias – em mais de uma ocasião, considerou a doença como *gripezinha* (09), *invenção da Mídia opositora* (33, 43), disse que *só morrem pessoas fracas* e

que *não poderia fazer nada diante da crise*, pois se chama *Messias*, mas *não faz milagres* (22).

A postura do Governo, centralizado na figura do presidente, corrobora a noção de necropolítica cunhada por Mbembe (2016), de que o Estado age ativamente com estratégias para deixar morrer a população. Tal noção é um aprofundamento da noção de biopolítica de Foucault (2008). De acordo com esse autor, a biopolítica é:

[...] a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças... Sabe-se o lugar crescente que esses problemas ocuparam desde o século XIX e que desafios políticos e econômicos eles vêm constituindo até hoje. (FOUCAULT, 2008, p. 431).

Em complemento, nas palavras de Revel (2005):

O termo “biopolítica” designa a maneira pela qual o poder tende a se transformar [...] a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornaram preocupações políticas. (REVEL, 2005, p. 26).

Juntas, a bio e necropolítica são poderes complementares sobre a vida e a morte, que visam à soberania do Estado sobre o povo. As charges de Gilmar acompanharam vários momentos dessa política do *deixar morrer*, como vemos acusar as charges: (12), sobre o atraso no pagamento do auxílio emergencial; (31), sobre o atraso na compra de equipamentos para os hospitais; (54) e (100), sobre o desvio de verbas destinadas à Saúde pública; (109), sobre a tentativa (frustrada) de privatização do SUS; e (112), sobre a morosidade na prestação de socorro ao Amapá:



Figura 16: Charge (12)



Figura 17: Charge (31)



Figura 18: Charge (54)



Figura 19: Charge (100)



Figura 20: Charge (109)



Figura 21: Charge (112)

São exemplos de estratégias necropolíticas: revogação de certas leis de trânsito (como a obrigatoriedade do uso de cinto de segurança); liberação maciça de agrotóxicos nas plantações de alimento; congelamento do salário mínimo; aumento do tempo e/ou contribuição para aposentadoria; privatização de serviços essenciais, para que a população “indesejável” não possa pagar; cortes de investimento nas carreiras públicas que visam proteção ambiental, bem como revogação de leis que protegem esses agentes; liberação de porte/posse de armas sem avaliação dos riscos; cortes no fornecimento gratuito de medicamentos nas farmácias populares, bem como o fechamento de algumas dessas farmácias.

Quando o Estado regula a carga horária de trabalho, eis aí uma biopolítica que visa docibilizar os corpos e as mentes; se essa carga de trabalho é exaustiva e sub-remunerada,

beirando à escravidão, ou se o Estado nega atendimento às necessidades primárias de uma população, tais como saúde, alimentação e segurança, eis aí uma necropolítica que priva o sujeito da liberdade e das condições básicas de subsistência – a necropolítica, como um poder que determina a morte, mina diretamente a potencialidade dos sujeitos. A diferença entre poder e potência equivale, grosso modo, à diferença entre coerção e liberdade. Bolsonaro incorpora a tendência estrutural do Estado na manutenção do próprio poder, para quem:

[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2016, p. 123)

O exercício do poder pelo poder visa minar quaisquer traços institucionais de democracia. O objetivo é a soberania do Estado e o total controle das potencialidades individuais (entendendo, aqui, que poder é diferente de potência). Isso significa que ao Estado soberano não interessa políticas razoáveis em prol da população. Isso é incorporado e refletido também nas relações entre Bolsonaro e seus ministros da Saúde, nas charges (18), (64) e (70).



Figura 22: Charge (18)



Figura 23: Charge (70)

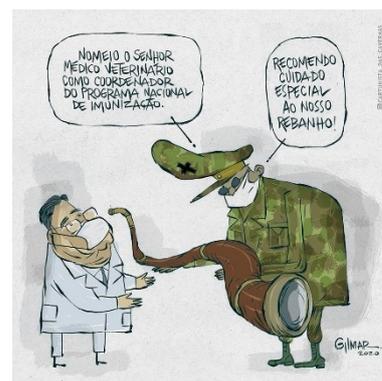


Figura 24: Charge (64)

Para o presidente, seus ministros, que declararam medidas racionais de combate à pandemia, estavam alinhados aos seus “opositores”, muitas vezes, fictícios (a ameaça comunista, por exemplo). O presidente chegou ao ponto de nomear um médico veterinário

para o cargo, como se vê na charge (64), o que gerou piadas de todos os tipos nas redes sociais. Apesar de a troca constante de ministros ter aparência de incompetência administrativa, pode-se notar uma postura utilitarista da pandemia por parte do Estado, postura essa alinhada aos interesses neoliberais, como é possível notar o registro, por exemplo, nas charges (08), (15), (16), (74), (89), (90), que retratam, de diferentes maneiras, as manobras do Governo para favorecer o setor empresarial, patronal, em detrimento do bem-estar da população.



Figura 25: Charge (08)



Figura 26: Charge (15)



Figura 27: Charge (16)



Figura 28: Charge (74)



Figura 29: Charge (89)



Figura 30: Charge (90)

No *corpus* analisado, é marcante a representação do Governo. Das 114 peças analisadas, 83 fazem referência direta ou indireta ao Governo, sendo que 50 ocorrências são da figura explícita do presidente, 13 são de apoiadores do Governo (incluindo um *frango no*

*supermercado*⁸ protestando contra a alta dos preços de alimentos, sobretudo de carnes; e o *esquentadinho da sorveteria*⁹, como ficou conhecido nas redes sociais o apoiador que se recusou a usar máscara), 5 são militares e 15 são menções verbais ao Governo.

Considerações finais

As charges são materialidades discursivas que visam criticar, principalmente a política, através dos vários níveis de humor, como sarcasmo, ironia, chacota. É um gênero de forte apelo visual pelo caráter grotesco, e, talvez por isso, exige cuidado em sua interpretação. Funcionam como registro de opinião sobre fatos de uma determinada época, e não dos fatos em si, visto que fazem uso de recursos de linguagem que comprometem o entendimento factual. Por isso, tendem a não ser atemporais. Pelo contrário, estão geneticamente ligadas ao objeto da crítica, precisando o leitor conhecê-lo para uma leitura satisfatória da charge.

O historiador François Furet destaca a importância do material não escrito para o estudo historiográfico: “[...] dados iconográficos, fotografias de campo de cultura, podem constituir material histórico mais importante que a eterna literatura da eterna testemunha” (FURET, 1989, p. 105). Dessa forma, descrever e interpretar a iconografia da pandemia por parte de um autor pode contribuir para leituras futuras dos fenômenos históricos que ainda estamos presenciando.

A análise corrobora a ideia de que uma das visões de Gilmar Machado sobre a questão da saúde pública no contexto da pandemia é de que a figura do presidente é um (talvez, o principal) agente que contribui fortemente para o agravamento da crise sanitária, visão essa que tem sido compartilhada nas mídias. Nota-se que muitas das charges do autor, por exemplo, a (68), sobre a fala da Tubaina/Cloroquina, e a (91), sobre a foto com a ema, não trazem quase nenhum elemento novo em relação ao episódio factual criticado (apenas um gesto da ema), ou seja, elas se prezam a apenas registrar o ocorrido com a linguagem

⁸ A exemplo: <https://diariodocomercio.com.br/agronegocio/precos-do-frango-batem-recorde-em-minas/>.

⁹ Fonte: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/09/15/homem-se-revolta-com-comerciante-apos-pedido-para-usar-mascara-e-danifica-sorveteria-em-campinas-video.ghtml>.

caricatural das charges. O tratamento com a linguagem quadrinística de um fato registrado nos jornais parece o suficiente para garantir o teor cômico e crítico da charge, face ao absurdo que soam as atitudes do presidente. Isso se mostra no *corpus* analisado tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Iconography of the virus: a vision about the bolsonarist necropolitics in the Gilmar Machado's comic strips

Abstract: Since December 2019, the world has been facing the Covid-19 pandemic. In this scenario, Brazil became notorious for the lack of public policies to combat the virus, an aggravation of the political and economic crisis that the country has been going through in recent months. The perception of the Brazilian health crisis has generated several discourses in the most varied media and genres, among them, the comic strips. This work aims to describe the iconographic representations of the Covid-19 pandemic in the comic strips by Gilmar Machado, in order to understand its effects of meaning. The corpus consists of 114 comic strips published in 2020 on the author's Facebook page. The corpus approach was based, mainly, on the Semiolinguistic Discourse Analysis. The results suggest that the author's perception is that the Government, in the figure of Jair Bolsonaro, is the main aggravating agent of the health crisis in Brazil.

Keywords: Brazil; Covid-19; Comic Strips; Jair Bolsonaro; Necropolitics.

Referências Bibliográficas

ATHAYDE, S. M. M. **Mostra sobre iconografia.** In: HERNÁNDEZ, M. H. O.; LINS, E. Á. (orgs.). *Iconografia: pesquisa e aplicação em estudos de artes visuais, arquitetura e design* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 12-17. Disponível em: <<https://doi.org/10.7476/9788523218614>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CAMPOS, G. W. S. **O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00279>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

CHARAUDEAU, P. **Une analyse sémiolinguistique du discours**. Langages, ano 29, n. 117, 1995. Les analyses du discours en France. p. 96-111. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1995_num_29_117_1708>. Acesso em: 01 jan. 2021.

COURTINE, J.-J. **Corps, discours, images**. In: COURTINE, J.-J. *Déchiffrer le corps*. France: Jérôme Millon, 2011, p. 11-42.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FURET, F. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, 1989.

GROENSTEEN, T. **Système de la bande dessinée**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 11^a. Ed. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Papirus Editora, 2007.

KIND, L.; CORDEIRO, R. **Narrativas sobre a morte: a Gripe Espanhola e a Covid-19 no Brasil**. *Psicologia & Sociedade*, vol. 32, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MAINGUENEAU, D. **A heterogeneidade mostrada**. In: MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, Editora da UNICAMP, 1997, p. 75-110.

MAINGUENEAU, D. **Primado do interdiscurso**. In: MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005, p. 33-48.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. *Arte & Ensaios: revista do PPGAV/EBA/UFRJ*, n. 32, dezembro, 2016. Disponível em: <<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2020.

MCCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. Trad. Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

PIGNATARI, D. **Semiótica e literatura**. 6. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

RECUERO, R.; SOARES, F. **O discurso desinformativo sobre a cura do COVID-19 no Twitter: estudo de caso.** *E-Compós*, 2020 [No prelo]. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.2127>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais.** Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SIMÕES, A. C. **A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura.** 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. **Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE.** In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Quadrinhos na educação.* São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-42.

Drive anônimo com as peças analisadas: [https://drive.google.com/drive/folders/1-l
ldXTuckwcHifYghRcBiNtNbGzoHsM4x](https://drive.google.com/drive/folders/1-ldXTuckwcHifYghRcBiNtNbGzoHsM4x)